

**Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP**  
**Processo de transferência interna 2022**  
**Prova Teórica – Arquitetura e Urbanismo**

**8hs às 12hs**

**Questão 1:**

“Polis não se aplicava a uma liga de estados, por muito voluntária que tivesse sido a aliança; nem a uma região como a Arcádia, que tinha uma espécie de existência autónoma (embora abstrata), mantida por mitos comuns, pelo culto e dialeto, mas que não era um organismo político; nem, salvo raras exceções, a estados bárbaros. Todos estes, aos olhos gregos, eram, cada um à sua maneira, algo de essencialmente diferente da comunidade política autêntica, e a dimensão constituía fator importante da diferença. Consideravam a sua densidade territorial e demográfica, não como um mero acidente histórico ou geográfico, mas como uma virtude. Segundo as palavras de Aristóteles (Política, VII 1326 b), ‘um estado composto por muitos... não poderá ser uma verdadeira polis, porque dificilmente possuirá uma verdadeira constituição. E quem poderá ser o general de uma massa tão vasta? E quem poderá ser arauto, a não ser Estentor’. A polis não era um local, embora ocupasse um território definido; eram as pessoas atuando concertadamente e que, portanto, tinham de reunir-se e tratar de problemas face a face. Era uma condição necessária, embora não a única, de auto-governo”.

FINLEY, Moses. Os gregos antigos. Lisboa: Edições 70, 1963, pp. 48-49.

1. Com base no conceito de Polis grega referido por Moses Finley, comente e elabore sobre os principais espaços e edifícios que a compõem e as suas características arquitetônicas, citando exemplos.

**Questão 2:**

“Mas o que é a Igreja na Idade Média? O termo, tomado de empréstimo do grego (eklesia: assembleia), designa a princípio a comunidade dos fiéis; este é o único sentido de que ele é revestido em Bizâncio, assim como no Ocidente durante os primeiros séculos da Idade Média. Depois, a palavra “Igreja” passa a designar também o edifício onde se reúnem os fiéis e onde se desenrola o culto. Na época carolíngia, os dois aspectos parecem ainda indissociáveis e o liturgista Amalário de Metz (+850) afirma: “Esta casa é chamada ecclesia porque ela contém a ecclesia”. No século XII, os dois sentidos da palavra ganham mais autonomia e Alain de Lille indica que a Igreja é “tanto um lugar material, como a reunião de fiés”. Tal materialização das realidades espirituais, que inscreve o sagrado nos lugares físicos, acompanha o reforço do poder dos clérigos e da instituição eclesiástica. De resto, ao mesmo tempo, o termo “igreja” é carregado de um novo significado, designando a parte institucional da comunidade, quer dizer, o clero. A partir daí, associações e deslocamentos constantes entre os três sentidos da palavra “igreja” acabam constituindo um notável instrumento ideológico, por exemplo, quando se identifica a igreja material (edifício) com a igreja espiritual (ao mesmo tempo comunidade celeste e Jerusalém celeste).”

Baschet, Jérôme. A civilização feudal. Do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006. P. 167.

2. A partir dos sentidos de Igreja no período medieval comentados pelo autor no trecho acima, discorra sobre as características plásticas, construtivas e os significados sociais e culturais dos templos religiosos medievais, citando exemplos.

**Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP**  
**Curso de Design**

-

**Processo de transferência interna 2022**  
**Prova Teórica – História do Design**  
**8hs às 12hs**

-

**Questão**

Desenvolver um texto crítico de 30 (trinta) linhas. Será avaliada a capacidade de redação, compreensão e argumentação do candidato.

No trecho destacado abaixo, Philip Meggs e Alston Purvis debatem a produção de El Lissitzki como um marco para o design no início do século XX. Comente de forma sucinta de que forma a produção de El Lissitzki dialoga com importantes processos ligados ao design, especialmente em relação: ao sistema Gutenberg de impressão; os debates sobre a qualidade do design na segunda metade do século XIX; e a oposição entre arte total e objeto decorado.

“Rebelando-se contra as restrições da composição em metal, Lissitzki usou com frequência a construção por instrumentos de desenho e *paste-up* para realizar seus projetos. Em 1925 ele previu que o sistema Gutenberg de impressão se tornaria coisa do passado e que processos fotomecânicos certamente substituiriam o tipo de metal e abririam novos horizontes para o design assim como o rádio havia substituído o telégrafo. Como designer, Lissitzki não decorava o livro – ele o construía programando visualmente o objeto total.”

MEGGS, Philip; PURVIS, Alston. *História do Design Gráfico*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. Pp.378-379.

-

Fevereiro de 2022